

Maré Viva

DIRECTOR: (interino) VICTOR SOUSA

SEMANÁRIO

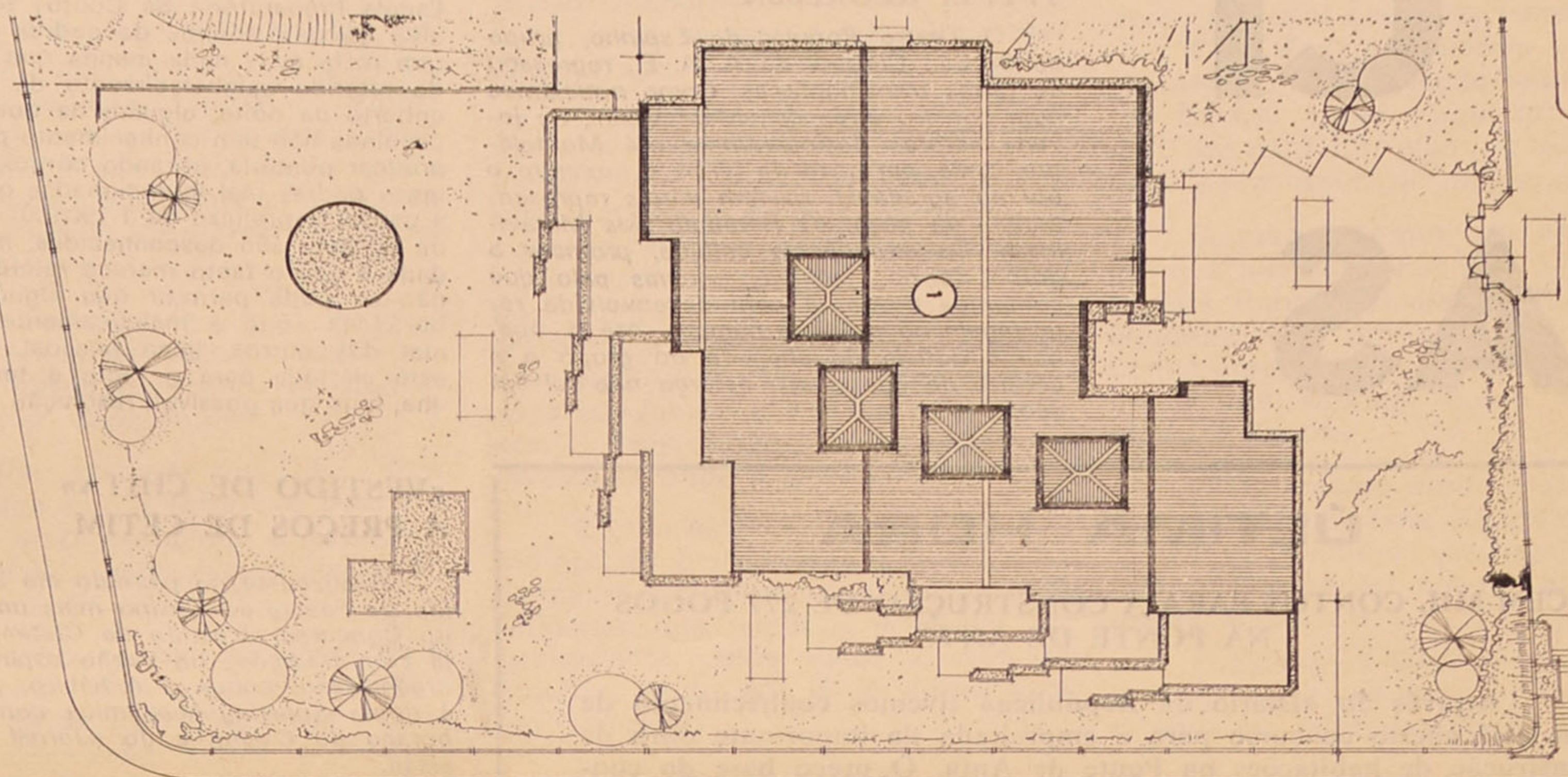
ANO I — N.º 11 — PREÇO 3\$50 — 8/9/76

VEM AÍ O INFANTÁRIO!...

Para que a socialização da assistência seja uma realidade, para que o bem-estar social saia dos pergaminhos até à rua, há ainda um grande caminho a percorrer. Um caminho que passa, por exemplo, pela criação de Serviço Nacional de Saúde, pela protecção a sectores da população mais facilmente prejudicados nos seus direitos elementares: os velhos, as crianças, as mulheres trabalhadores, sobretudo quando mães.

É sabido que a população portuguesa feminina é maioritária. Ora, e isto já desde o aparecimento da revolução industrial e o desenvolvimento constante da produção, o recrutamento de mão-de-obra feminina tem sido maciço. E a partir do momento em que a mulher, secular guardadora da casa e dos filhos, começou, por imperiosa necessidade e com crescente aceitação social, a trabalhar fora do lar, a sociedade teve de criar as infraestruturas necessárias para que os filhos continuassem a crescer e desenvolver-se, mau grado a maior ausência da mãe, quanto mais não fosse para permitir o constante aparecimento de novos portadores de força de trabalho para vender.

Entre essas infra-estruturas são muito importantes os infantários, a



R. 28

Implantação do Infantário cuja fachada principal ficará voltada para a entrada do Hospital

par das creches e jardins-escolas. Entre nós, graças à conhecida política de prejuízo da grande maioria do nosso povo durante as últimas décadas, este campo da assistência apresenta, tal como outros, um panorama

ainda muito distante do que se exige. Por isso, tanto menos se entende a complicada vida, felizmente já confirmada, de um projecto para construir um Infantário — Escola Infantil em Espinho, por iniciativa de uma enti-

dade oficial — o Instituto de Obras Sociais — e para o qual existem cativos 10.000 contos, segundo uma cláusula de contrato da actual em-

(Conclui na pág. 5)

DE SEMANA A SEMANA

Auxiliar a Imprensa Regional

Foi uma boa notícia aquela que o Subsecretário de Estado da Comunicação Social anunciou há dias: em breve os jornais regionais serão isentos de pagamento de qualquer taxa postal na sua expedição. É, sem dúvida, um óptimo auxílio, se nos lembrarmos que esta imprensa «menor» vive particularmente dos seus assinantes, para os quais envia o jornal pelo correio, o que acarreta despesas substanciais.

Entretanto, nem tudo o que se intitula «jornal regional» é, efectivamente, um jornal regional. Este tipo de imprensa sempre foi o mais aproveitado por certas forças, grupos, pessoas, que prestaram óptimos serviços ao fascismo, quer veiculando as informações e pontes de vista dos órgãos de poder de então, quer sobretudo contribuindo, localmente, para o adormecimento das pessoas, afastando-as dos seus reais problemas e entretendo-as com pequenas questões, crónicas sociais, prosas muito literárias, bairrismos falsos ou balofos, etc.

O 25 de Abril alterou em muito as posições retrógradas na imprensa nacional (infelizmente notam-se hoje em dia sinais alarmantes de certa recuperação...). O sector regional, entretanto continuou em grande parte à mercê de caciques, de homens de dinheiro, de oportunistas ansiosos por subir na vida social e ocupar postos de domínio local.

Nos jornais regionais que existem aos milhares por esse País fora há ainda muito de anti-demo-

crático, de anti-progressista, de anti-Constituição da República Portuguesa. Ora auxiliar a imprensa regional, concedendo subsídios, não pode ser auxiliar determinadas forças que anseiam e já pugnam por um regresso a situações de dominação de triste memória. É saudável que a imprensa veicule livremente opiniões divergentes; mas não pode tolerar-se aquilo que, em nome de certos «valores», quer matar o próprio direito de ser livre.

Auxiliar a imprensa regional deverá ser, sobretudo, incentivar aqueles jornais que estão junto das pessoas e falam das coisas que elas reconhecem no seu quotidiano; que tentam, desinteressadamente, promover a formação de consciências socialistas, forjados na resolução concreta dos problemas da região e não tanto em profundas discussões políticas; que sabem dar a palavra às gentes que nunca puderam ter boca, que nunca puderam criticar, propor, gritar os seus problemas e necessidades, que sabem procurar no esforço concreto os pontos de unidade entre as diversas forças políticas, na certeza de que muitas divergências teóricas se batem quando a vida exige trabalho; que têm nos leitores a sua razão única de existir, e por isso os coveim, lhes permitem fazer, eles próprios, o seu jornal.

Esta, parece-nos, é a Imprensa Regional. Aquela que merece auxílio, para crescer sempre mais.

Uma experiência que interessa conhecer

Logo após o 25 de Abril, houve, a nível nacional, patrões que tentaram sabotar a Economia e entrar no processo de transformações políticas iniciado, abandonando as empresas e saindo do País. Estavam convencidos de que os trabalhadores não seriam capazes de manter as empresas em funcionamento e que, portanto, o seu regresso seria desejado — como salvadores — o que lhes permitiria fazer encaminhar as coisas a seu favor.

Enganaram-se; em muitos casos, a Transformadora de Papéis Vouga é um exemplo, bem perto de nós — em S. Paio de Oleiros — os trabalhadores tomaram a seu cargo as empresas e não só asseguraram postos de trabalho como solveram dívidas e elevaram o seu próprio nível de vida.

Não se sentiram derrotados porém, esses inimigos do bem-estar social. Encontrando aliados em certos militares e forças políticas; jogando com a partidarite cega que consegue afastar trabalhadores dos seus reais interesses; recorrendo àqueles que, durante anos, privilegiaram dentro das fábricas, para melhor controlar todos os outros, esses mesmos indivíduos — são muitos os exemplos — conseguem ainda causar graves perturbações na produção e, logo, à economia nacional, tentando barrar o caminho para o Socialismo traçado na Constituição da República.

Este o tema de uma entrevista com os elementos da Comissão de Trabalhadores da Sociedade Transformadora de Papéis Vouga que, a nosso convite, visitaram o «Maré Viva».

Leia na página
do Trabalho

NO TI CI AS

RODAS QUE VOAM

Lá diz o velho ditado: «Quem tem burro e anda a pé... ainda mais burro é». Nós, depois do que aconteceu ao sr. Manuel Joaquim, de Esmojães, diremos que — quem tem burro e anda a pé... é um infeliz. O que aconteceu ao sr. Manuel Joaquim é de facto prova da sua infelicidade. Tem «burro» e anda a pé. E fá-lo porque alguém, no intuito de andar de «burro», lhe furtou a sua bicicleta no passado dia 26, o que o levou a apresentar queixa na P.S.P. pelo ocorrido. Lamenta-se o sr. Manuel pelo facto desta ainda não ter aparecido vangloriar-se-á o que a furtou, do facto de esta lhe ir ainda permitindo dar umas voltinhas.

Mas a polícia está em campo e tudo faz para acabar com o aborrecimento do sr. Manuel Joaquim que já não pensa em ir à «Volta», mas tem necessidade do seu velocípede para as suas voltas diárias.

T. P. E. REGRESSA

O Teatro Popular de Espinho, grupo da Secção Cultural da A. A. E., regressou de terras transmontanas. Como noticiámos num número atrás de «Maré Viva», os jovens actores deslocaram-se até Montalegre, onde, em gozo de férias e juntando o útil ao agradável, fizeram várias representações da peça «O Retábulo das Maravilhas». Da experiência colhida, promete o grupo dar-nos algumas notícias pelo que contamos desde já com desenvolvida reportagem no próximo número. Até lá, apenas a notícia da chegada do grupo e a certeza de que o seu esforço não foi em vão.

ÚLTIMA HORA

CEM MIL CONTOS PARA A CONSTRUÇÃO DE 277 FOGOS NA PONTE DE ANTA

Através do «Diário da República» tivemos conhecimento de que está aberto concurso para a empreitada da importante obra de construção de habitações na Ponte de Anta. O preço base do concurso é de 99.400.000\$00 e o concurso terá lugar no próximo dia 30 de Setembro.

Assim se desenha a realização de uma obra que terá um grande alcance e que vem, de alguma forma, atacar o mal da falta de habitações.

FÉRIAS E FÉRIAS

Em tempo de férias, todo o cidadão tem direito a elas. Foi o que pensaram o Domingos dos Reis Lopes e o José Bernardino da Rocha, de 14 e 13 anos respectivamente, que se evadiram da Escola Profissional de Santa Clara em Vila do Conde. Enquanto os jovens de várias zonas do País acorriam maciçamente a Vila do Conde para verem os bólides que por lá rolaram no último fim-de-semana de Agosto, os nossos amigos resolveram dar uma saltada até Espinho. Mais amantes do campo que da praia resolveram subir até Esmojães. Em má hora o fizeram pois, e após terem entrado em casa de Cassilda Ferreira Alves, donde furtaram a quantia de 3.000\$00, viriam mais tarde a ser apanhados pela polícia confessando o assalto e adiantando terem já gasto parte da quantia furtada. Do facto pode queixar-se a sra. D. Cassilda, pois além do roubo ainda ficou com umas telhas partidas porque só dessa maneira os dois jovens conseguiram entrar em sua casa. Do facto tomou conhecimento a P.S.P. que dará o devido despacho ao caso.

XIII FESTIVAL DE MÚSICA

Mais um concerto do XIII Festival de Música se realizou no passado dia 23 de Agosto. Num recital de Canto e Piano pudemos apreciar os bons artistas Vítor Oliveira (barítono) e Noémia Brederode (pianista).

O primeiro, executante de alto nível, estudou nos Estados Unidos e em Londres, só começando recentemente a ser executado em Portugal.

Foram executadas obras de Durante, Giordani, Francisco de Lacerda, Haendel e Verdi, na 1.ª parte; na 2.ª, várias árias célebres se fizeram ouvir, — de Mozart, de Verdi e de Ravel — todas elas muito aplaudidas pelo público.

J. PINHEIRO DE MORAES

CLÍNICA GERAL

Rua 20 n.º 390 — Telef. 920452

MOREIRA DA COSTA

CIRURGIA GERAL
E VASCULAR

Rua 20 n.º 520.1.º — Telef. 921014

CASA LUISA NOGUEIRA

João César da Costa

DEPÓSITO DE FRUTAS ★ VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Rua 16 n.º 750

ESPINHO

Telef. 920304

MUDANÇA DE DIRECTOR

«Maré Viva» conta, a partir de hoje, com um novo director. Este facto torna-se imperioso porque o anterior director vai sair de Espinho por razões de ordem profissional.

A mudança na direcção do jornal não terá mais significado do que a substituição de um elemento que sai por um elemento que preenche um lugar vago.

Dez números de «Maré Viva» terão já dado uma certa ideia do trabalho sério que pretendíamos desenvolver quando iniciámos a publicação do jornal. E é para fazer um «Maré Viva» cada vez melhor que aqui continuamos. Com os nossos leitores.

VIDROS ATACADOS

Na noite do passado dia 29 para 30, o ex-colégio de S. Luís (actual anexo da Escola Preparatória Sá Couto) foi palco e alvo de uns tirinhos de pedras que partiram nada mais nada menos que 16 vidros do referido estabelecimento de ensino. A coberto da noite, alguém de quem a polícia ainda não tem conhecimento pensou em praticar pontaria, atirando contra os vidros umas pedras mal intencionadas que vieram a causar o prejuízo de 1.190\$00. As causas de tal acto são desconhecidas, mas a verdade é que o facto merece referência, pois não se pode permitir que alguém, a coberto da noite e maleficamente, faça do mal dos outros, gozo pessoal. A polícia está alertada para o facto e tentará dar-lhe, logo que possível, resolução adequada.

«VESTIDO DE CHITA» A PREÇOS DE CETIM

Realizou-se no passado dia 28 no Salão de Festas do Casino mais uma edição do Concurso «Vestido de Chita», certame já com tradições no Verão espinhense. A organização, como já é hábito, pertenceu à dupla Sporting-Académica com a colaboração do Casino e do «Jornal de Notícias».

O programa foi o habitual: baile com música dos conjuntos do Casino, «show» de variedades, o concurso propriamente dito e a acabar, novamente baile.

A classificação das concorrentes foi a seguinte:

- 1.º — Margarida Oliveira, de Espinho — 39 pontos
- 2.º — Matilde Costa, também de Espinho — 34 pontos;
- 3.º — Maria José Abreu, de Felgueiras — 33 pontos;
- 4.º — Fátima Soares, de Espinho — 29 pontos;
- 5.º — Soledade Leite, igualmente de Espinho — 25 pontos;
- 6.º — Maria José Cruz, de Cortegaça — 24 pontos;
- 7.º — Maria de Lurdes Louro, de Espinho — 21 pontos;
- 8.º — Maria Fernanda Glória, de Espinho — 11 pontos.

De censurar o elevado preço dos bilhetes (100\$00), agravado com a obrigatoriedade de compra de mesa, imposição feita pela direcção do Casino à Organização. Isto veio apenas levantar obstáculos a pessoas de menores recursos económicos, e muito especialmente, à grande quantidade de jovens que costumam afluír a estes convívios. Querera o Casino, segundo ouvimos, «seleccionar» o ambiente, um pouco «misturados» ultimamente? Será que o casaco e a gravata regressarão em breve?

O ESPANTO MORA AO NOSSO LADO

Eram cerca de 19,30 horas do dia 1 de Setembro. Na calma repousante de um fim-de-tarde alguém regressa a casa no intuito de encontrar um pouco de repouso antes do jantar. Após passar a zona buliçosa da rua 19, os semáforos da 24, o sossego da feira, algo lhe desperta a atenção: um automóvel que da rua 26 faz manobra no sentido Norte-Sul para a 19. Arranca ve-lozmente e vai imediatamente encaixar-se no muro da Academia de Música.

Do insólito acontecimento (o desastre deu-se estupidamente) tomaram conhecimento várias pessoas que imediatamente acorreram ao local. O condutor emigrante em França, saiu apressado da viatura e do mesmo modo se tentou escapar do caso. Chamado à razão, disse conhecer quem tratava do prédio da Academia e que imediatamente iria falar com a pessoa, visto ter causado danos no muro fronteiro da construção. Mas se bem o disse, mal o fez; isto é, não fez. Alguém atento, imediatamente tirou dados do automóvel que se afastou para não mais ser visto. E a tarde ficou mais tarde, enquanto o Simca de matrícula francesa (4024QG-51) desaparecia, rua abaixo. Do fim da tarde ficou a recordação do arranque do candidato a Fângio e... um buraco na parede da Academia.

CURSOS INTENSIVOS NO LICEU

Felizmente não se concretizaram as dificuldades que a Comissão Directiva do Liceu Dr. Manuel Laranjeira estava a encontrar para pôr a funcionar os Cursos Intensivos no mês de Setembro. Efectivamente, foram ultrapassados os problemas que noticiávamos no nosso último número, estando já a decorrer aulas respeitantes às disciplinas de Português, Francês e Matemática do 5.º ano, 1.º Unificado, 2.º Geral e 1.º Complementar, frequentadas por elevado número de alunos, dado que as inscrições atingiram as cinco centenas.

MARÉ VIVA

SEMANARIO

Propriedade:

NASCENTE — Cooperativa de Acção Cultural, s.c.r.l

Redacção — Rua 62 n.º 251-1.º
Telef. 921621

ESPINHO

Director (interino)

Victor Sousa

Fizeram este número:

Ana Maria, Antero Monteiro; António Capelo; António Letra; António Santos; Ema Letra; Fausto Neves; Joaquim Fidalgo; Jorge Catarino; José Carlos; José Vasconcelos; Laura Gaio; Márcio Cando; Morais Gaio e Victor Sousa.

Colaboração especial:

Tibério Coelho.

Composição e Impressão
Oficinas Gráficas
da Casa Nun'Alvares — Porto

S. Paio de Oleiros

Maré-rua

UM DIA FORA DAS PORTAS!

GRIJÓ

Foi mesmo por Grijó que começámos. A questão que colocamos aos nossos interlocutores foi sempre a mesma: qual a principal carência da localidade, segundo o seu ponto de vista pessoal.

Enquanto esperava pela camioneta, a D. Maria Rosa Gomes foi-nos dizendo:

«Assim para toda a freguesia em geral... não estou a ver... Talvez uma creche. Existe uma do Violas, mas é só para os filhos dos funcionários. Acho que fazia muito geito. Haverá talvez mais coisas, mas francamente, assim de momento não me recordo.»

Ali perto havia uma pequena loja, a «tasca da aldeia». Entramos. A ler o jornal estendido no balcão, estava o sr. José Nunes:

«Olhe, se quer que lhe diga, talvez faça muita falta um bom comércio: mais completo e especializado. Sei lá... sapataria, peixaria, um pronto-a-vestir...»

Da tasca «subimos» para o café. Fomos cair numa mesa de estudantes que pelos vistos animamos para intensa discussão sobre problemas locais. Acabaram por centralizar a questão no aspecto cultural, onde notavam grande falta de interesse das pessoas. Deram imensos exemplos de várias realizações levadas a efeito, sem apoio por parte do público. Por fim, foi focado o problema da utilização do Salão Paroquial, de excelente qualidade, mas «sem gente para o encher.» Pareceram-nos francamente desanimados. Enfim, o eterno problema, a eterna atracção: sua excelência o café...

Seguindo o intuito inicial da nossa reportagem — a abordagem muito superficial dos problemas com o fim de alertar as pessoas para eles e mesmo para possíveis tratamentos mais profundos por outras secções do «Maré Viva» — demos por concluída a primeira parte do Maré-Rua.

NOGUEIRA DA REGEDOURA

Paramos no largo da igreja. Ali perto, à porta duma pequena serração, encontrava-se o sr. José Sequeira:

«Sabe, o que me falta aqui, é o que falta em todo o lado: sossego, paz e trabalho. Carências de nível lo-»

mas que exigem mais de uma deslocação à Vila da Feira, quando esses assuntos poderiam ser lá resolvidos, com menos perda de tempo, por funcionários camarários. Tanto mais que o problema da compra de terrenos, embora contando com a boa vontade da Junta, é da estrita competência da Câmara.

Ainda, há pouco, se podia ver comentada neste jornal um outro exemplo de impasse burocrático que atrasou e continua a atrasar a construção de salas de aula em Espinho. Agora, este novo exemplo, vem reforçar a nossa convicção de que, ou se simplifica a máquina burocrática, ou este País não vai a lado nenhum.

cal temos por exemplo caminhos em mau estado e por abrir...

Uma creche também faria muito geito... Indústrias aqui não há praticamente, exceptuando 3 ou 4 muito pequenas. Assim o pessoal tem que ir para fora de Nogueira para trabalhar. A maior parte das mulheres trabalha também. E as crianças? Onde ficam?

Fala-se muito para aí num Pavilhão Desportivo... e está certo! É útil... mas, quanto a mim, uma creche seria mais necessário!

«Isto está tudo muito abandonado!... A Vila da Feira tem medo de investir em Nogueira, pois receia que passemos para o concelho de Espinho, o que creio inevitável...» dizia-nos também o sr. Álvaro Meneses depois de confirmar o que o sr. Sequeira tinha dito — «...haver dinheiro, há, lá isso há! Mas as pessoas vão investi-lo em Espinho, Gaia, etc. E isso também compreende-se: investe-se onde o lucro é maior!»

E com esta «máxima», despedimo-nos do sr. Meneses e também de Nogueira da Regedoura, pois ainda tínhamos que andar... A anotar urgentemente, pelos vistos, a falta de creches, tanto em Grijó como aqui em Nogueira.

OLEIROS

Meio-dia. Hora de almoço. Entramos numa pequena casa «de vinhos e petiscos» e interpelamos logo uma senhora que almoçava numa mesa pacatamente. Azar! Não é de cá, não está ao par... Paciência! Eis que surge a dona da casa ao balcão.



Da fonte seca em Paços de Brandão ao Salão pouco ocupado de Grijó

Disparamos imediatamente a nossa questão:

«Assim, de momento, não faço ideia... Há tanta coisa... Olhe, por exemplo uma creche fazia imenso geito... Farmácia também não há e que falta faz!...»

A D. Maria Helena ia pensando, coçava a cabeça e lá iam saindo as carências de Oleiros. Chega o ma-

rido que logo foi indicado como «mais a par das coisas». E lá nos disse o sr. David Malta:

«Há para aí vários caminhos já abertos, mas com falta de alcatrão ou pelo menos de serem nivelados... Muitos já ficaram em boas condições mas foram desprezados. Já houve uns contos para fazer uma estrada que pelos vistos ficaram esquecidos. Tinham sido oferecidos pelos moradores do local que seria beneficiado.

É verdade, a energia eléctrica ou melhor, a iluminação pública tem um horário muito esquisito: das 23 e 30 até às 3,30!! Não me lembro de mais nada assim de momento.»

Saímos e fomos ver «in loco» um dos tais caminhos que o sr. Malta nos tinha assinalado. Realmente encontrava-se em péssimo estado, com a agravante de dar acesso a uma importante fábrica, como frisou o sr. José Pereira:

«Está mesmo muito mal. No Inverno já nem se fala. Vários casos já houve de camiões estrangeiros até que não puderam chegar à fábrica devido a isto...»

E deixamos Oleiros sem a sua creche (outra vez ela!) e com os caminhos em péssimas condições.

PAÇOS DE BRANDÃO

Café, local de convívio, centro de atracção. Eis-nos dentro dum, ouvindo o Júlio Manuel que com jovens da sua idade tomava a «bica», via jogar dominó, etc., etc...

«Creio que um pavilhão desportivo faz imensa falta! A malta nova quer praticar desporto e tem que se deslocar a Oleiros ou a Lamas, o que já desmobiliza as pessoas... Assim de carências não estou a ver mais nada.»

Abordamos o sr. José Marinho da Silva já cá fora, na estrada.

«Eu não sou de cá, mas pelo tempo que cá estou já notei algumas falhas em Paços: o saneamento, que não há; o abastecimento de água que está por fazer, agravado com a seca dos fontanários. Dois deles estão mesmo secos como pode constatar.» (constatámos!)

O António Lino estava atrasado para a hora do café. Por isso ainda o apanhamos na rua, apressado:

«Falta cinema de boa qualidade. O que vemos aqui é muito fraco. Além disso há várias carências a nível cultural. Cito como exemplo uma biblioteca.»

Iamos encerrar a reportagem. Mas quisemos ainda ouvir a Maria da Conceição. Não nos arrependemos:

«Podia-se fazer um parque recreativo com diversões para os miúdos e com piscina. Há também uma grande falta de alojamentos: hotéis, pensões. O cinema quanto a mim precisava também de melhores instalações: está muito velha a sala.»

E demos por encerrada esta ronda fora de portas, a aproveitar a límpida atmosfera e o sol convidativo que nos fizemos esquecer (e agradecer) as chuvadas da passada semana.

NOGUEIRA DA REGEDOURA

A burocracia impede o progresso

De passagem pela Junta de Nogueira, fomos encontrar elementos ligados àquela autarquia, verdadeiramente indignados, a braços com mais uma das aberrações burocráticas que emperram o andamento das obras que a população aspira ver concluídas.

Trata-se de um ofício da Câmara da Feira, a pedir elementos: números de Registo da Matriz, confrontações, identificação dos proprietários e outros documentos relativos a terrenos a adquirir, destinados à construção de uma escola em Pousadela. O aborrecimento é que, todos os proprietários visados, já estiveram naquela Câmara, na presença e a convite do Presidente, há mês e meio, e está-se na mesma.

Pensam ainda, os elementos da Junta de Nogueira, que não está bem serem eles, que exercem um cargo não remunerado, a tratar de proble-

Uma experiência que interessa conhecer

Trabalhadores falam a "Maré Viva"

M. V. — Sabemos que a vossa empresa, que emprega cerca de 400 trabalhadores foi abandonada pelo patrão, sr. Manuel Couto. Querem contar-nos como foi isso?

C. T. — Em meados de Maio de 1975, a situação na empresa era má. Não se pagava à Previdência; aos fornecedores; aos trabalhadores, os seus direitos. A empresa estava a trabalhar a 50 por cento por falta de matéria-prima.

A Comissão de Trabalhadores, na

Em Dezembro de 75, fizemos uma avaliação da acção por nós desenvolvida, desde o dia 23 de Julho até aí. Verificámos que a empresa tinha já para cima de dois mil contos em dinheiro (nos Bancos), cerca de 12 mil contos de mercadoria colocada (a receber), amortizado mais de dois mil contos do passivo deixado pelo ex-patrão, os armazéns superlotados de matéria-prima. Além disso, voltamos a frisar, estávamos a cumprir os C.C.T. e já tínhamos pago o subsídio de Natal a todos os trabalhadores. Devemos adiantar que a

O patrão fazia parte dos que não queriam ajudar à Economia Nacional

altura, alertou o patrão para estes factos. Prometeu-lhe a melhor colaboração para resolver os problemas da empresa. Porém, o patrão fazia parte dos que não queriam ajudar a economia nacional e nunca aceitou essa colaboração. Deixou chegar as coisas ao ponto de aparecerem fornecedores armados de pistola, dispostos a liquidá-lo.

Perante tudo isto, e isto são apenas alguns aspectos (basta acrescentar que o sr. Manuel Couto, muito antes já andava a vender empresas a empregados de confiança e começou a vender os automóveis da firma) o sr. Manuel Couto fugiu para Espanha, depois Alemanha e, finalmente, para o Brasil.

M. V. — Nessa situação, que pensaram vocês fazer?

C. T. — Promoveu-se um plenário de todos os trabalhadores e ficou decidido, pelos mesmos, tomar em mãos os destinos da empresa.

Na ocasião, tínhamos receio. Fizemos um convite aos responsáveis da empresa (encarregados, chefes de produção, funcionários superiores) e estes recusaram, afirmando publicamente que confiavam na Comissão de Trabalhadores.

Assim a solução encontrada foi a de co-gestão com o sócio minoritário, sr. Augusto Couto, irmão do patrão.

M. V. — Iniciou-se então a vossa experiência de gestão.

C. T. — Exacto. Começámos a dar

nossa empresa foi a primeira, na zona, a pagar o subsídio — fê-lo muito antes do prazo estipulado na Lei.

Tudo isto pode, aliás, ser confirmado num comunicado do Ministério do Trabalho, de Fevereiro de 76.

M. V. — Que fez, então, que essa situação se modificasse?

C. T. — Entretanto, a situação política modificou-se muito e o ex-patrão regressou a Portugal.

M. V. — E tentou regressar às antigas funções?

C. T. — Pois é; escreveu uma carta aos trabalhadores, tentando justifi-

Sob gestão dos trabalhadores, a nossa empresa foi a primeira a pagar o subsídio de Natal

car a sua fuga, ameaçando a Comissão de despedimento, chamando-nos salteadores, insinuando que estávamos a executar manobras dos partidos «comunista, socialista e parentes da mesma raça».

Ao mesmo tempo, certos ex-privilegiados na empresa puseram a circular um abaixo-assinado exigindo o regresso do patrão. Para conseguirem assinaturas, diziam aos trabalhadores que a Comissão já, toda ela, tinha assinado; que o Governo é que ia meter o ex-patrão lá dentro e, quem não assinasse,

ficava na «lista negra». Intimidaram os trabalhadores de várias maneiras, iam a casa deles, esperavam-nos no caminho, etc.

Depois disto, convencidos de que a maioria apoiava o ex-patrão, no dia 9 de Fevereiro, entraram em greve. Fecharam os portões da fábrica e só deixavam entrar quem fosse pelo regresso do sr. Couto. A verdade é que, de cerca de 400 trabalhadores que a empresa tem, apenas um reduzido número, à volta de 70, entraram. Os outros repudiaram o regresso, mantendo-se nove dias, de dia e de noite, em vigília, fora das instalações.

M. V. — E era apenas nessa minoria que o ex-patrão se apoiava?

C. T. — O patrão encontrou apoio

nas altas esferas militares: recebemos uma carta da Região Militar do Norte a perguntar se podia descongelar a conta bancária do sr. Couto (congelada por ordem do Quartel General, desde a sua fuga). Ora, quando a Comissão reuniu para estudar o assunto, soube que a conta já tinha sido descongelada.

Sabemos ainda de várias exposições, feitas ao Governo, por essa mesma Região Militar, no sentido de pressionar o Governo a tomar uma posição favorável ao regresso do ex-patrão.

Também certas organizações partidárias, da direita, participaram activamente nessa «greve» e procuraram utilizar a influência que tinham no Governo (o VI) para defender os interesses do sr. Couto.

M. V. — Bom. Ao fim dos tais nove dias sucedeu qualquer coisa, não foi?

C. T. — Ao fim desse tempo, surgiu um representante do Ministério do Trabalho que, reunindo as duas partes, resolveu o conflito.

Note-se que, logo na noite do primeiro dia, as partes (eles e nós) reuniram, em Aveiro, a convite do M. T. e ficou acordado, em acta assinada por todos, que no dia seguinte seria retomada a actividade. Logo após o regresso, a «comissão pró-patrão» contactou com ele e... violaram o estipulado. Curiosamente, depois, veio dessa mesma parte a maior insistência para que o Estado interviesse na Empresa.

M. V. — A partir daí a situação da empresa ficou modificada?

C. T. — Pois, deixou de estar em co-gestão e passou a ser uma empresa com intervenção do Estado. A gestão foi entregue ao sócio minoritário sr. Augusto Couto cujos actos de administração seriam fiscalizados por delegados do Governo. Esta situação, que é actual, levou a Comissão de Trabalhadores a tomar posição contra, junto do Ministério da Indústria e outras altas esferas governamentais do tempo (VI Governo).

M. V. — Isso quer dizer que as coisas pioraram. Quais os principais aspectos, no vosso entender, em que isso se verificou?

(Continua na pág. 7)

NOTÍCIAS

Na «Pereira Alves» situação à vista

A fábrica «Pereira Alves» continua paralisada, no seguimento dos factos ocorridos, já relatados neste jornal e clarificados numa carta da gerência também publicada.

A situação parece porém encaminhar-se para bom termo; de facto, embora ainda não tenham sido pagos os salários do mês de Agosto, obtivemos junto do Sindicato dos Tapeiteiros a formação de que existe já matéria-prima — caíro — pelo que, tudo indica, a fábrica irá retomar a laboração. Segundo a mesma fonte, a desafogada carteira de encomendas (confirmada pela carta que recebemos da gerência), facilitará a obtenção dos créditos bancários necessários para aquisição do caíro que já existe disponível em armazéns de Corteçaça.

Vergada

«VALDEMAR» PARALISADA DE NOVO

A corticeira Valdemar está paralisada, desde a passada segunda-feira. Trata-se de mais uma manifestação de solidariedade dos trabalhadores, com um seu colega que a gerência pretende afastar.

Neste momento decorrem negociações pelo que reservamos para o próximo número mais pormenores sobre o assunto.

Silvalde

«LUIS DA LOURA» — O PATRÃO LANÇA UM COMUNICADO

A fábrica de tapeçaria a «Vencedora» continua paralisada, mês e meio após a reunião plenária de trabalhadores que, conforme noticiámos, decidiu a suspensão do patrão para inquérito. Como referíamos na ocasião, essa atitude ficou a dever-se ao facto de o sr. Luís deixar parar a fábrica por falta de matéria-prima, numa altura em que os débitos se elevavam a milhares de contos, sendo credores, nomeadamente, os trabalhadores e a Previdência. Também a sua continuada recusa em receber as sugestões dos trabalhadores e aceitar que estes exercessem controlo da gestão teve influência na decisão tomada.

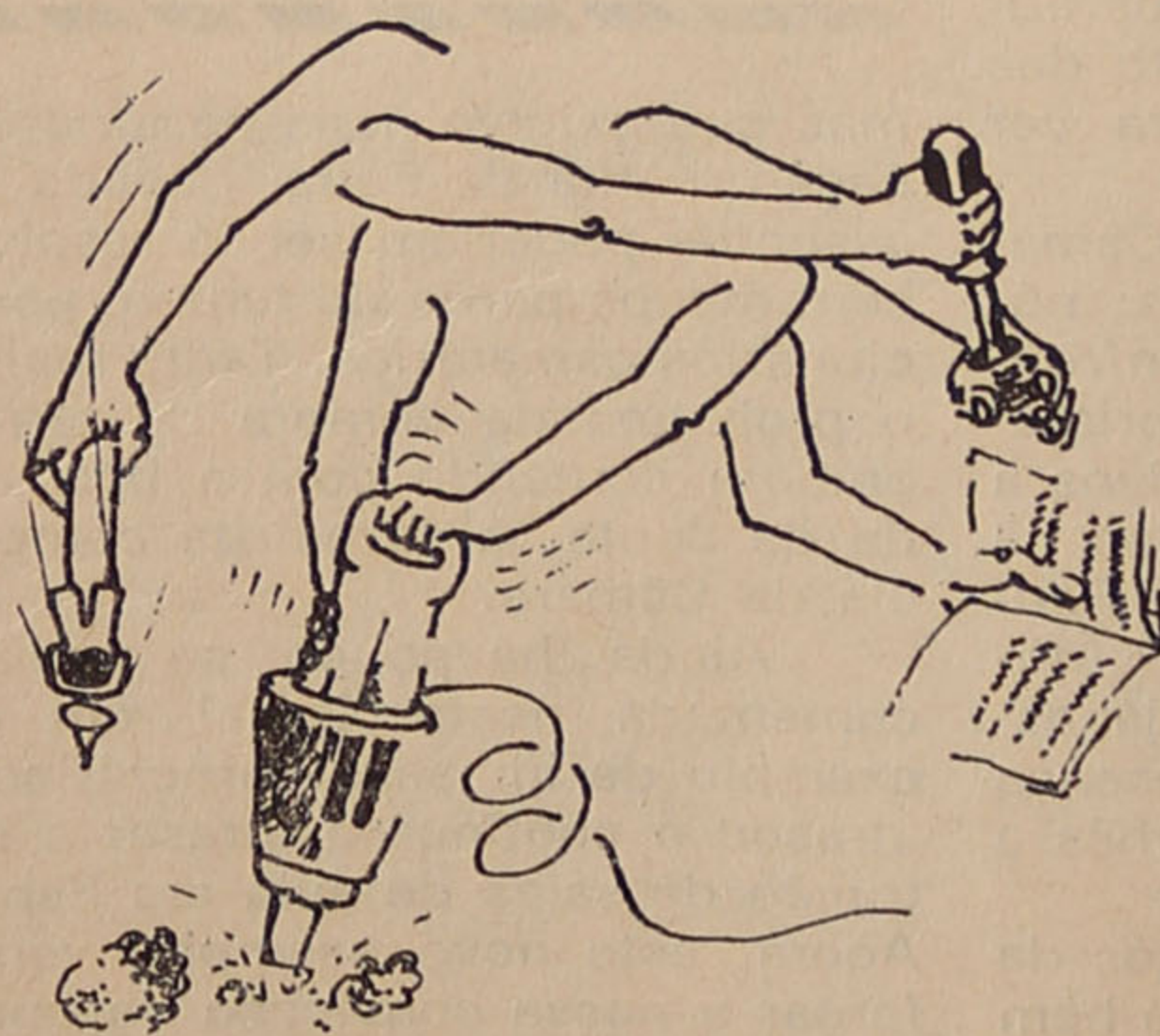
Agora, há novo facto público a juntar aos já conhecidos. Trata-se de

(Conclui na página 5)

... é fácil ver que a intervenção do Estado não veio melhorar, em nada, a situação

os primeiros passos na gestão. De todas as medidas tomadas, as principais eram aprovadas em plenário de trabalhadores — os trabalhadores é que nos diziam como devíamos trabalhar. E começou a notar-se dentro da empresa um ambiente familiar em que todos se preocupavam em cumprir o melhor possível sem necessidade de processos de disciplina antigos.

Os Contratos Colectivos de Trabalho, em vigor, começaram a ser cumpridos. Começámos a enviar os descontos dos trabalhadores à Previdência; a garantir um «stock» de matérias-primas, permanente; acabámos com a situação de privilégio, dentro da firma, em que estavam alguns trabalhadores. Pagámos dívidas antigas, de quando a fábrica ainda estava sob a responsabilidade do patrão.



TRABALHO

VEM AÍ O INFANTÁRIO!...

ALGUNS NÚMEROS E FACTOS

O concelho de Espinho regista taxas de mortalidade infantil que o situam em penúltimo lugar do Distrito de Aveiro e muito acima da média do Continente. Em 1973 a taxa de mortalidade infantil foi, em Espinho, de 69,2 por mil e no Continente de 43,6 por mil. Segundo cálculos prováveis serão de cerca de 5.000 o número de crianças com menos de 6 anos, no concelho.

Perante números destes seria de supor a existência das infra-estrutura de apoio capazes de responder às necessidades. Mas isso são sonhos. A realidade é que não haverá mais do que 500 lugares nos poucos infantários-jardins de infância existentes e isto na cidade, porque o resto ainda é o Portugal desconhecido, que continua, cada vez mais distante, à nossa espera.

Infantário do I.O.S. (a construir)

Preço base de concurso — 8.863.500\$00

Prazo de execução — 360 dias.

Localização: fachada principal no ângulo Norte-Nascente entre as ruas 37 e 28.

Capacidade normal de funcionamento (que poderá, segundo as necessidades, ser sobrecarregada): 98 crianças dos 0 aos 3 anos; no jardim de infância, destinado a crianças cuja idade as coloque já no período pré-primário (3 a 6 anos) e onde lhes serão ministradas todas as aulas de uma escola pré-primária, funcionarão 3 salas, com uma capacidade para 120 crianças.

Está ainda projectado pelo I.O.S. um centro de férias a construir no terreno situado a poente do infantário, entre as ruas 37, 26, 24 e 41, mas o seu lançamento está numa fase ainda muito atrasada.

Infantário — Jardim de Infância «Costa Verde» (Patronato)

Este infantário tem já prestado bons serviços e está a atravessar uma fase de expansão que diz bem da necessidade crescente de instituições do género. Tem sido frequentado por uma média de 130 crianças, de idades muito diversas. No infantário propriamente dito são recebidos bebés dos 3 meses aos 3 anos e no jardim de infância crianças entre os 3 e os 6 anos. Além disso, há ainda crianças que frequentam já a escola primária e que ali ocupam parte do seu tempo livre. Apontamento interessante, segundo os responsáveis, é o facto de a proveniência das crianças ser muito variada, havendo filhos de pescadores e médicos, operários e engenheiros. Os preços levam em certa conta o rendimento do agregado familiar, sendo, em média, de 200\$00 mensais no jardim infantil e 500\$00 no infantário. As crianças são atendidas por várias empregadas, entre as quais uma educadora, uma enfermeira e uma auxiliar de jardim infantil. O horário de funcionamento, para permitir um grande aproveitamento, estende-se entre as 7,45 e as 19 horas.

Creche da Marinha

No Bairro da Marinha funciona uma creche, apoiada pelo I.O.S., que procura servir uma vasta população infantil numa zona piscatória onde as condições de vida de adultos e crianças estão longe de corresponder ao que seria justo. Daqui, a redobrada responsabilidade que recai sobre a instituição, aliás impossibilitada, pelas suas limitadas possibilidades, de desempenhar aquilo que dela se exigiria. Dentro do que é possível, referimos a frequência de cerca de 60 crianças, dos 3 aos 6 anos. Estuda-se neste momento a abertura, para Outubro, de um infantário, para receber bebés dos 2 meses aos 3 anos.

TRABALHO — Notícias

(Conclusão da página 4)

um comunicado que o sr. Luís fez distribuir.

Nesse documento, depois de dirigir várias acusações aos trabalhadores, nomeadamente a de que pretendem «o domínio de tudo e de todos», o sr. Luís alinha em sete pontos a sua opinião sobre a forma de ultrapassar o «impasse» e retomar o trabalho. Entre estes sete pontos destacamos a exigência de um compromisso dos trabalhadores retomarem o trabalho como condição para um financiamento da Banca, e a aceitação de que os trabalhadores exerçam controlo, mas apenas no que respeita a entrada, saída e custos de mercadoria.

Segundo apurámos, os trabalhadores permanecem dispostos a não abdicar da sua exigência de um inquérito à situação da firma. Ao mesmo tempo, não compreendem como pode a Banca fazer empréstimos ao sr. Luís depois da acusação de má gerência que lhe fazem. Interrogam-se ainda sobre que tipo de ligações têm impedido que o inquérito requerido se efectue, para responsabilizar ou ilibar, objectivamente, o sr. Luís.

ASSEMBLEIA GERAL DE CORTICEIROS

O Sindicato dos Corticeiros, com sede em Santa Maria de Lamas, promove, no próximo dia 18, um plenário dos seus associados para ser examinada a participação daquele Sindicato, no Congresso dos Sindicatos, a realizar brevemente. Dada a importância do assunto — está em jogo a defesa da unidade de todos os trabalhadores — é de esperar que esta assembleia venha a ter a maior participação, tanto mais que, pela prática, os trabalhadores corticeiros têm mostrado conhecer bem o valor da sua unidade.

Quiosque Subterrâneo

JORNAIS — REVISTAS — TABACO

À SUA MÃO

Na passagem sob a via férrea

(Continuação da 1.ª pág.)

presa exploradora do Casino de Espinho.

O referido projecto foi elaborado, em primeira-mão, na ideia de vir a ser uma construção do tipo pré-fabricado. Mas, por razões alheias ao projectista e ao I.O.S., a empresa encarregada da obra abandonou a construção após a realização de trabalhos ligados com as redes de saneamento e águas pluviais.

Perante a situação criada, e considerando a necessidade de colocar ao serviço da população tão importante instalação, no mais curto espaço de tempo, e atendendo ainda ao facto de os trabalhos realizados se cifrarem já em algumas centenas de contos, foi decidido reformular o projecto inicial com vista a uma construção de raiz, aproveitando-se ao máximo os trabalhos já iniciados.

DESCRIÇÃO DO PROJECTO

De acordo com o programa estabelecido e indicações complementares tiradas da análise de soluções levadas a efeito em países europeus com trabalho assinalável no domínio da assistência infantil, desenvolveu-se o esquema funcional tendo em atenção as necessidades permanentes de boa iluminação e insolação para as zonas de actividade das crianças, conforme a sua idade.

Ocupando situação privilegiada,

onde a exposição ao sol é uma constante, teremos as instalações para o infantário, onde os bebés, distribuídos conforme as idades, ficarão instalados num conjunto constituído por grandes salas assistidas por zonas de vestuários e banhos e por copa de leites. As zonas sanitárias são equipadas diferentemente, de acordo com as necessidades de cada idade. Ainda, as salas destinadas ao infantário poderão absorver, em boas condições, crianças dos 0 aos 3 anos, em número aproximado de 98.

As instalações para o jardim de infância serão constituídas por espaçosos salões assitidos por vestiários, encontrando aqui as crianças de idade mais avançada diferentes motivações para as suas actividades. Todo o conjunto será completado por um salão polivalente, para várias actividades. No jardim de infância, as 3 salas têm condições excelentes para absorver aproximadamente 120 crianças, abrangendo as idades dos 3 aos 6 anos.

O conjunto projectado será completado por recreios exteriores com comunicação com as áreas interiores, e envolvimento geral devidamente arborizado e ajardinado. Dada a posição em que o conjunto será implantado, relativamente baixa, a área será protegida por uma vedação de pequeno porte, de modo a que a visão do interior seja tão ampla quanto possível.

Acção da Câmara

A Comissão Administrativa da Câmara tem-se batido denodadamente pela construção do Infantário. Disso é prova o vasto dossier de correspondência trocada com várias entidades a quem compete fazer avançar o projecto. Os officios, os telefonemas, as reuniões têm sido constantes. E parece que, finalmente, com êxito apesar de alguma incompreensão encontrada pelo caminho (e por vezes em sectores onde mais se esperaria um apoio entusiasta). Segundo informações ainda não oficiais, a obra de construção do infantário acaba de ser adjudicada, três anos depois de iniciados os primeiros trabalhos, nessa altura relativos ainda a uma construção pré-fabricada. Três anos é obra, com cem mil burocratas!

Passamos a transcrever alguns extractos de officios expedidos pela Câmara para tentar apressar a realização do projecto.

«Em 11 de Maio de 1976 recebemos o processo de concurso do infantário a fim de ser consultado por possíveis interessados, e em 21 de Maio lemos no Diário da República o anúncio da abertura do concurso público da empreitada. Concorreram vários interessados e o acto público do concurso deve ter tido

lugar em 16 de Junho de 1976.

Entretanto, o tempo foi passando sem que a Comissão de Equipamentos Colectivos desse conta do resultado do concurso...

... Há dois anos, aproximadamente, que vimos lutando, dia a dia, por uma obra que é urgente construir. Se outras razões não houvesse, bastaria atentar no índice de mortalidade infantil aqui registado.

Foram já gastos: 2 289 300\$00 na aquisição de terrenos, 1 358 700\$00 em vários trabalhos de construção e uma soma não determinada em projectos. Por outro lado estão assegurados 10 000 contos para financiar a obra. Porque se espera?

Não lamenta esta Câmara o tempo gasto ao longo destes dois anos mas não pode deixar de manifestar o seu desgosto pela maneira como este processo tem sido conduzido, e que é de molde a fazer perder a paciência aos mais cordatos e a arrasar os nervos aos mais serenos.

Foi com posições como esta, com a luta permanente por uma causa de grande interesse para a população trabalhadora do concelho que a Comissão Administrativa da Câmara contribuiu decisivamente para que a Obra se venha a fazer.

Pinturarte

Armando Alves Ribeiro

Tecnicamente especializado em todo o género de Pintura Artística

Rua 18 N.º 943 — Telef. 921412 — ESPINHO

Móveis — Espelhos e Molduras
— em todos os estilos —
Candeieiros — Louças — Cristais
— Alcatifas — Electrodomésticos, etc. —

MARÉ VIVA

interessa aos trabalhadores

Escola de Patinagem de novo a «rolar»



Este autocolante é um dos meios usados pelos responsáveis da Secção de Hóquei em Patins da AAE na sua campanha de angariação de fundos para a actividade da patinagem do Clube. Simultaneamente uns pequenos cartazes anunciavam o recomeço dos trabalhos da Escola de Patinagem, a cargo de Vladimiro Brandão e de Alfredo Azevedo. Pareceu-nos estarmos a assistir a mais um esforço da gente da patinagem em dois sentidos: por um lado a recolha de verba que permita fazer face às despesas que a manutenção das diversas classes de patinagem implica, sabendo-se dos recursos limitados do Clube e, por outro lado, a captação de um maior número de jovens, para a iniciação no desporto dos patins, de que o êxito da campanha de fundos poderá constituir o apoio necessário.

Após a natural paragem de actividades, o começo da nova época surgiu deste modo a prometer grande movimento e fez-nos levar por diante o que já há tempos vínhamos projectando: trazer para as nossas páginas um relato pormenorizado das condições de trabalho da Escola de Patinagem da AAE que tão boas provas tem dado através de equipas jovens que têm aparecido nos últimos anos.

Para nos elucidar sobre o assunto, contactámos Vladimiro Brandão, uma dedicação ao hóquei em patins, e a quem a AAE e o desporto espinhense muito devem. Responsável pela orientação da Escola de Patinagem desde o seu arranque, a ele cabem, em grande medida, os sucessos do hóquei patinado da AAE. Acerca da angariação de fundos a decorrer, começou-nos por dizer Vladimiro Brandão:

Tivemos há tempos a notícia de que à AAE seriam cedidos patins e outro material para a nossa Escola. Mais recentemente, em contacto com o representante da D.G.D. em Aveiro, tive a confirmação de que o material a ceder importaria em cerca de vinte contos. O que, convenhamos, seria da mais elementar justiça, se atendermos a que, durante os sete anos de vida da Escola de Patinagem só se receberam doze pares de patins.

Entretanto, as remodelações recentes da D.G.D. fazem prever que essa oferta possa demorar a vir. Por isso, esta campanha de angariação de fundos poderá servir, entre outras coisas, para se comprar mais material.

CONSTRUINDO OS PATINS DE PORTAS ABERTAS

Lembrámos a ideia que, em Espinho, se terá criado (sem responsabilidade da AAE, pensamos) de que o hóquei em patins é uma modalidade que, sendo muito cara, não está ao alcance de toda a gente.

Suponho que essa ideia tem sido

suficientemente desmentida pela actividade da Escola de Patinagem e pelo número de alunos que, no ano passado, atingiu 120. É verdade que os patins são caros — os mais pequenos custam quatrocentos esudos — e os miúdos têm, dum modo geral, de os comprar. Mas quando sucede que algum não tem mesmo possibilidades financeiras, nem por isso deixa de ter lugar na nossa Escola. Emprestam-se os patins e como são poucos os disponíveis, arranjou-se maneira de se fazerem aqui mesmo alguns patins, que ficam assim muito mais baratos.

Aliás, a publicidade que se tem vindo a fazer da reabertura da Escola de Patinagem é bem a prova de que as portas do pavilhão estão abertas para quem quiser, com inscrições gratuitas.

O que não se pode esquecer é que o hóquei em patins é uma modalidade de iniciação difícil, o que por vezes desmobiliza os miúdos que sentem mais dificuldades. Todos querem começar logo a jogar, a pegar no stick, mas isso não se pode fazer antes de, pelo menos, três anos de simples patinagem. Aqui estão de facto as dificuldades da prática do hóquei e não no problema financeiro.

A PATINAGEM ARTÍSTICA

Interrogámos sobre a viabilidade de apenas dois treinadores — a tarefa de Vladimiro é compartilhada desde o ano passado por Alfredo Azevedo — serem suficientes para um número tão elevado de jovens que este ano poderá mesmo aumentar.

A tarefa não é fácil. Os treinos que se estendem de Setembro a Junho efectuam-se todos os sábados das 3 às 8 horas da tarde e requerem um certo esforço e, vamos lá, alguma paciência. Veja-se que temos crianças desde os 3 anos, alguns com menos ainda. Mas vamos dando conta do recado. O que se vai tornando pequeno é o recinto, que se enche de ano para ano. Pensa-se em aproveitar um terreno junto ao pavilhão para a construção dum ringue. Assim teremos possibilidades de separar as classes mais adiantadas das outras, permitindo-lhes maior liberdade de movimentação.

A maior lacuna é a falta de uma treinadora de patinagem artística, que possibilite a sequência de trabalho para as miúdas, que estão representadas na Escola em grande percentagem. Vamos dando umas noções básicas, mas temo-nos de ficar por aí. E é pena, porque há algumas pequenas com possibilidades de atingirem um nível aceitável.

SEMEAR PARA COLHER

Os frutos do trabalho realizado estão à vista de todos, mas achámos que o Vladimiro Brandão nos poderia dar uma ideia mais concreta.

FUTEBOL

Campeonato Nacional da 2.ª Divisão (ZONA NORTE)

1.ª Jornada:

FAFE, 1 — ESPINHO, 1

Estreia da equipa local em provas oficiais, com o seu novo «plantel» e justificadas aspirações. Para começo, o empate em Fafe terá de se considerar positivo, porque nestas «coisas» de futebol, um ponto conseguido fora de «casa» tem quase o sabor a vitória. E, ainda que o Espinho tenha realizado uma exibição algo aquém do que se poderia desejar, as esperanças mantêm-se de pé.

O Espinho alinhou:

Quim; Ribeirinho, Símplicio, Gonçalves I e Raul (Pereirinha); Gonçalves II, Gentil

e João Carlos; Serrão II, Reis e Vaquero (Canelas).

Serrão II marcou pelos «tigres».

Outros resultados:

Lourosa, 0 — Régua, 0
Vilanovense, 1 — Lamas, 2

Na Zona Centro:

Feirense, 5 — Torriense, 0

Campeonato da 3.ª Divisão:

Valecambrense, 1 — P. de Brandão, 0

VOLEIBOL

III Torneio da A. A. E.

Dezanove equipas, cento e setenta jovens a praticarem voleibol. Números que dizem bem do interesse do III Torneio de Voleibol Juvenil da Associação Académica de Espinho.

E quem, como nós, tivesse a oportunidade de se deslocar ao Pavilhão da AAE, não poderia ficar indiferente ao entusiasmo com que os miúdos se entregam ao voleibol, jogando e vendo jogar, numa movimentação constante. Aqui e acolá, um gesto que não esconde já o «bichinho» da campeonite não chega para quebrar o tom geral de sa confraternização.

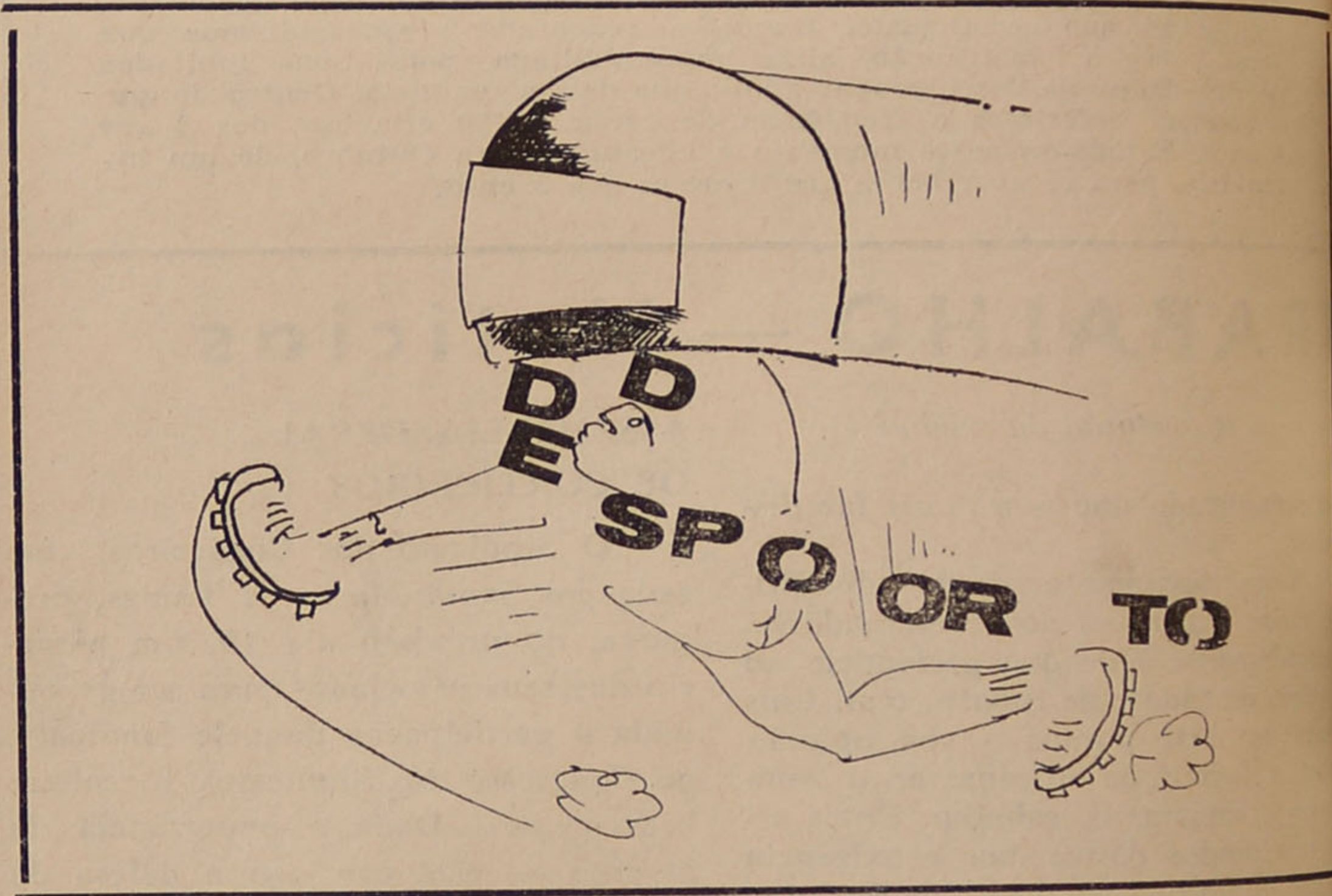
Uma das nossas preocupações é precisamente incutir nos miúdos a ideia de que o importante é praticar desporto. Falamos-lhes sobre o assunto e eles, dum modo geral, compreendem — palavras de António Monteiro, voleibo-

lista juvenil da AAE, que com outro colega de equipa tomou a seu cargo a responsabilidade da organização do torneio.

Das duas equipas que na altura se defrontavam destacavam-se um ou dois jovens que constantemente aconselhavam e orientavam os colegas menos experientes.

São os federados. Só podem entrar dois em cada equipa inscrita. Isto permite um maior equilíbrio competitivo e abre possibilidades de participação mesmo àqueles que, em princípio, resem menos aptidões para a prática do voleibol. A sua inclusão tem, por seu lado, a vantagem de podermos ser ajudados na educação e orientação técnica.

(Conclui na página 7)



Os resultados imediatos estão no facto de a AAE, que nunca teve equipas jovens, poder ter este ano uma de infantis, duas de iniciados e uma de juniores, para além da de seniores. E do valor destas equipas falam os resultados obtidos. Este ano não há equipa de juvenis, pois não se reuniram os dez jogadores que se consideram indispensáveis. E as equipas que temos já dão uma despesa considerável, sobretudo em deslocações. Mas se a AAE quiser trabalhar com vista a uma boa equipa de seniores, este é o único caminho a seguir. Isto não quer dizer que o nosso objectivo seja apenas esse, mas não deixa de ser um bom estímulo para a miudagem uma boa carreira da equipa

principal. Basta ver o entusiasmo que os infantis arrastaram. Não podemos fazer como alguns clubes que vivem de aquisições. A equipa principal tem um valor competitivo muito apreciável e é quase tudo prata da casa.

Em jeito de curiosidade, perguntámos a Vladimiro Brandão quando esperava que o trabalho da Escola de Patinagem se viesse a reflectir na equipa principal. A resposta não escondia esperanças fundadas, quase uma certeza:

Talvez daqui a uns quatro ou cinco anos...

DESPORTO

Torneio de Voleibol

ca dos que pela primeira vez jogam voleibol. Como não nos parece certo pô-los a jogar de qualquer maneira e os orientadores são poucos, o papel dos federados pode ser importante

«O INTERESSE DO TORNEIO ULTRAPASSA O CLUBE»

Aproveitámos uma pausa para fazermos a pergunta sacramental: quais os objectivos da organização do torneio?

Os objectivos estão à vista: a divulgação da modalidade, a criação da oportunidade para que um maior número de miúdos pratiquem desporto e, como é evidente, a captação de novos praticantes para as escolas da AAE.

Quanto a este último aspecto, de facto, a AAE nem chega a ganhar muito com o torneio. A captação não tem sido tão grande a ponto de só por si justificar a ocupação do pavilhão que é preciso para treinos das diversas classes de voleibol e mesmo de outras modalidades. Por exemplo, a equipa feminina de voleibol está neste momento a treinar no pavilhão da Escola Industrial, alugado a oitenta escudos a hora. O que não nos parece muito legítimo, se atendermos a que este torneio ultrapassa largamente o Clube no seu interesse.

Pareceu-nos importante esta alusão à utilização dos recintos das escolas, que pensamos poder vir a merecer a nossa atenção num próximo trabalho. Voltando ao torneio propriamente dito, quisemos saber até que ponto chegaria a sua influência aos jovens espinhenses.

O interesse tem crescido de ano para ano, a ponto de haver necessidade de dividir os miúdos em dois escalões: um até aos 14 anos e outro até aos 17. Não podemos dizer, no entanto que se tenha conseguido atingir todas as camadas da população juvenil. Aqui acorrem sobretudo miúdos das classes médias, sendo uma parte significativa de

veraneantes que não são de cá. Apesar de toda a propaganda que fizemos, as populações das zonas suburbanas de Espinho (Mata, Rio Largo, etc.) não são facilmente captadas pois aí o volei não está suficientemente implantado.

É sem dúvida uma lacuna importante a preencher. É preciso levar o voleibol até lá e para isso são precisos apoios que não temos. A própria Federação negou subsídios ao SCE e à AAE, parecendo ignorar tudo o que, em Espinho, se tem feito pelo voleibol. Mesmo nas freguesias do concelho haveria muito que trabalhar, embora o Serviço Cívico já tenha feito alguma coisa, principalmente junto das escolas. Temos, por isso e por enquanto, de nos limitarmos ao nosso pavilhão e ao material de que dispomos que, a este nível, é suficiente.

FAZER MAIS E MELHOR

Nesta altura fomos interrompidos pelo termo do encontro que vinha sendo muito equilibrado e a que não faltou uma mini-invasão do recinto. Com a entrada de novas equipas que começaram a fazer o necessário «aquecimento», a situação acalmou e pudemos prosseguir, falando do futuro do torneio.

Partindo-se do princípio de que tão cedo não vai ser possível levar o volei para fora deste pavilhão, vamos tentar melhorar aqui as condições em que decorre este torneio. Estamos a pensar em darmos umas noções básicas de voleibol a todos os miúdos que se inscrevam, antes do torneio propriamente dito. Assim, o trabalho poderá dar melhores frutos. Pensa-se também em que as equipas sejam constituídas segundo o critério dos monitores, de modo a que se elimine o aspecto competitivo que formação prévia de equipas de rua ou bairro não deixa de arrastar. Vai ser difícil, mas talvez se consiga.

E aqui temos. Embora o torneio se possa considerar um sucesso, os seus jovens organizadores não estão totalmente satisfeitos e prometem fazer mais e melhor.

SABIA QUE ...

A secção de Xadrez da Académica de Espinho vai realizar brevemente uma «Simultânea» com o Mestre Nacional Fernando Silva. Além desta organização, também está programado para breve a realização de diversos torneios.

★

Todos os associados do Sporting de Espinho portadores de lugares cativos na bancada e que estejam interessados em renovar, devem dirigir-se à sede do Clube.

★

Sob a orientação de Mário Queiroz vão recomençar os treinos de Halterofilia na Académica de Espinho. Todos os interessados deverão dirigir-se ao Pavilhão de segunda a sexta-feira, a partir das 18 horas.

★

Os associados do Sporting de Espinho ficaram muito surpreendidos de não verem a actuar no Torneio da Costa Verde o guarda-redes Quim e o ex-CUF Juvenil. Falou-se em lesões e outras más hipóteses.

Afinal o problema tinha sido nas inscrições, pois não chegaram a tempo da F. P. de Futebol.

Nos próximos dias 13 e 14, a secção de Voleibol da Académica de Espinho vai levar a efeito um torneio quadrangular de juvenis, denominado torneio «S.» da Ajuda». Além da equipa da Académica foram convidadas as equipas do Esmoriz, F. C. Porto e do Sporting de Espinho.

★

Também o torneio de Basquetebol está em marcha. De princípio o mesmo realizar-se-á a 11 ou 17 do corrente mês e terá a colaboração do Sangalhos, F. C. do Porto e Vilanovense.

★

Além do Voleibol, também a secção de Hóquei em Patins da Académica está a sofrer grandes alterações. Marçal Duarte a treinar e Luis Monteiro como seccionista, serão os responsáveis pelos iniciados.

★

Recomeçou a actividade do Karaté em Espinho. Agora afastados da Académica, estes senhores continuam a «levar» aos seus praticantes a módica quantia de 200\$00! Que destino será dado a estes fundos?

TRABALHO

Uma experiência a conhecer

(Continuação da pág. 4)

C. T. — Todos! Para se compreender bem isso, talvez convenha fazer uma rápida descrição do sr. Augusto Couto.

O sr. Augusto Couto é um indivíduo que, embora durante o período da co-gestão tenha colaborado ao máximo com a Comissão, depois que o irmão regressou retomou o antigo costume de andar permanentemente embriagado. A um ponto tal que agora está a receber tratamento no «Conde Ferreira». Sem álcool, é um indivíduo bondoso e competente, mas, depois do regresso do irmão, talvez debaixo da pressão que o grupo de adeptos dele exercem, voltou a ser aquele que muita gente, em toda esta zona, conhece. Chegou ao descabro de ameaçar um dos gestores públicos, de que tinha amigos — ciganos — que sabiam usar uma «naifa» e que a usariam para o liquidar se ele, Couto, quisesse.

Assim é fácil ver que a intervenção do Estado não veio melhorar nada a situação, uma vez que o sr. Couto anda sempre embriagado e aos gestores por parte do Estado, sempre foi negada qualquer colaboração por parte das pessoas que a poderiam fornecer. Além disso, esses gestores encontravam-se impossibilitados de recolher informações, em virtude da contabilidade ser feita fora da empresa e só poderem dispor de um balanço feito em 1973.

Também não é difícil deduzir que, com isto, o campo de manobra dos adeptos do ex-patrão está completamente aberto. Alguns voltaram já aos antigos privilégios e afirmam ostensivamente que prescindiriam de algumas regalias de que usufruem, caso o ex-patrão regressasse; outros praticam um tipo de sabotagem só possível devido à falta de registo de todas as informações de que os gestores públicos necessitam para mandar proceder correctamente.

M. V. — Poderiam citar pormenores concretos da situação actual?

C. T. — A Comissão de Trabalhadores tem tido conhecimento de vários problemas. Sente-se falta de matéria-prima — algumas máquinas têm parado por isso — outras avariaram e ficam paradas por atrasos propositados na reparação. Executam-se encomendas de clientes que não pagam, em detrimento das de clientes que sempre foram o sustentáculo da firma. Atrasam-se os pagamentos a fornecedores, che-

ga-se a maltratá-los com o objectivo de os levar a deixar de servir a empresa. Há atraso permanente no pagamento dos salários; anarquia completa dentro das instalações: os trabalhadores não confiam em quem manda.

M. V. — E a maioria dos trabalhadores como encara essa situação?

C. T. — Gera-se, neste momento, um grande movimento, no sentido de que a Comissão volte a assumir a administração da empresa. Isto levou, até, à tentativa de assassinato de um de nós: um adepto do ex-patrão espetou-lhe uma chave de fendas no peito e na barriga, nas instalações da firma. No dia seguinte, e fora, a agressão repetiu-se, com uma navalha de ponta e mola.

M. V. — Da vossa parte, que pensam fazer?

C. T. — A Comissão pretende que o Governo assumas as suas responsabilidades, no mais curto espaço de tempo possível, já que sabemos que, a continuarmos neste sistema, os problemas agravar-se-ão, e estão em jogo muitos postos de trabalho. Confiamos nas promessas que nos têm sido feitas e que apontam, dada a gravidade da situação e a importância da empresa na economia do País, para a nacionalização. Esta é a medida que a maioria dos trabalhadores deseja.

M. V. — No caso de o Governo não decidir por aí, encaram a autogestão como via?

C. T. — Nós pensamos que, numa empresa com as dimensões da nossa, os trabalhadores devem ter intervenção directa nos problemas, mas a autogestão afigura-se-nos bastante difícil. Não acreditamos, aliás, que o Governo traia os compromissos assumidos.

Isto não impede que sejamos de opinião que os sistemas cooperativo e de autogestão podem resultar em empresas mais pequenas do que a nossa.

M. V. — Prevêem algumas formas de pressão para acelerar uma tomada de posição do Governo?

C. T. — Os trabalhadores não estão na disposição de continuarem a trabalhar neste sistema e usarão das formas de luta adequadas para que, num primeiro passo, a Administração seja afastada, uma vez que é a causa directa de toda a perturbação existente.

Empresa Gráfica de Seixezelo

DE

Cardoso & Valentim, Lda.

APARTADO 13

SEIXEZELO

ARGONCILHE

Pintura de Automóveis

com RAPIDEZ e PERFEIÇÃO

Alzira Pereira de Azevedo

GARAGENS: ABEL — SOUSA
— S. PEDRO

Salsicharia do Mercado

Especializada em carnes fumadas
das melhores regiões

JÚLIA GOMES SOARES (Cadete)

Rua 18 Mercado Municipal (Praça)
ESPINHO

TEATRO EM ESPINHO

«O Santo Inquérito» pelo Seiva Trupe

De acordo com os seus objectivos a «Nascente» promoverá no dia 15 de Setembro, no salão da Escola Comercial e Industrial de Espinho, um espectáculo de teatro com a peça «O Santo Inquérito» pelo Seiva Trupe.

Esta iniciativa enquadra-se, por conseguinte, no intuito de promovermos junto da população um conjunto de iniciativas culturais, a fim de preencher um vazio na vida das pessoas. Apesar de muitos projectos, de muitos planos, a realidade é que as populações no que diz respeito a Cultura continuam sem nada receber. E a Cultura, entendida como meio de consciencialização, de alerta, é importante. Daí a razão fundamental da nossa existência, das nossas actividades.

A peça que agora todos poderemos ver é um original de Dias Gomes, um dos mais representativos dramaturgos brasileiros contemporâneos autor de «O Pagador de Promessas» já levada ao cinema por Anselmo Duarte. A peça, posta em cena entre nós pelo Seiva Trupe, foi estreada no Brasil a seguir ao golpe de estado que depôs Goulart e instituiu uma ditadura fascista. «De um modo geral, esta peça de Dias Gomes, escrita nos anos sessenta, constitui um protesto eficaz contra todas as formas de repressão e uma denúncia dos motivos «piedosos» que invariavelmente para elas reclamam as classes dominantes. No mundo moderno, o papel desempenhado pela Inquisição e os seus chefes aristocratas, é representado com requintes de especialização pela burguesia. Os perseguidos de ontem são os grandes perseguidores de hoje. E os seus aparelhos repressivos em nada ficam a dever àqueles que o Santo Ofício utilizou: lembremo-nos de Hitler, Mussolini, Pinochet, Salazar, lembremo-nos do Vietname, do Brasil dos nossos dias. Ao pé de todos estes exemplos, a Inquisição não passou de uma fábrica de incipientes crimes». Assim se poderá resumir, conforme um extracto do programa da peça, o que o autor, o encenador e os actores pretendem com a representação de «O Santo Inquérito».

Mas se alguma coisa transmitimos sobre o que é e deseja ser o espectáculo, nada dissemos sobre quem lhe dá forma e vida num palco, perante um público. Daí que tenhamos tido uma pequena conversa com um dos elementos do Seiva Trupe, o actor António Reis.

«Resultante da união de actores

oriundos do T. E. P. e do Grupo dos Modestos em torno do objectivo de se criar na cidade do Porto um movimento de teatro independente, o Seiva Trupe conclui três anos de existência no dia 11 de Setembro. Sem intuídos competitivos e conscientes da falta de animação cultural existente damos grande relevo à actividade itinerante (80 por cento do total), oferecendo à população da zona norte do País o acesso a teatro fora do circuito comercial. Pretendemos constituir um grito de alerta, de esclarecimento, com espectáculos acessíveis, de fácil compreensão por parte dos trabalhadores a que muito especialmente nos dirigimos. E este género de público tem aderido em massa reagindo positivamente ao que pretendemos transmitir. Por exemplo, em relação ao «Santo Inquérito», entende-se perfeitamente que não é a Igreja que se pretende atacar, mas certo sector servil ao poder político e militar, que se usa do caciquismo, da superstição para dominar e explorar».

Espectáculos levados à cena, durante estes três anos: «Musicalim na Praça dos Brinquedos» (infantil), «Seiva conta Catarina na luta do Povo», «A Brincar se vai ao longe» (infantil), «Aqui é que a porca torce o rabo» (espectáculo com duas versões, uma com quatro textos, outra com sete textos), «Lux in Tenebris» de Brecht e «O Santo Inquérito». Este o trabalho realizado com encenações de Júlio Cardoso, João Guedes, Pereplanella («Lux in Tenebris» e Joaquim Benite no seu primeiro trabalho com um grupo profissional. Constituem esta sociedade artística: Júlio Cardoso, António Reis (sócios fundadores), João Guedes, Estrela Novais, Castro Guedes, Luís Alves, Alfredo Correia, Augusto Morais, Isabel Alves, José Moreira, José Martins e Maria do Rosário, esta última actriz espinhense a dar os seus primeiros passos no campo do teatro profissional.

Alguns dados que consideramos importantes para conhecermos melhor este grupo de teatro que mais uma vez virá a Espinho. Este ano já dadas 220 representações, visitadas 60 localidades, mais de 40.000 espectadores atingidos. No ano passado só com a peça «Catarina na Luta do Povo», 136 representações, 86 terras e 65.000 espectadores.

Seiva Trupe, uma das companhias profissionais com mais trabalho desenvolvido e à qual é atribuída o subsídio de menor montante.

«Neste momento não sabemos o que vai acontecer com a política de

subsídios, mas estamos confiantes, não vendo nenhum motivo para sermos interrompidos. É, no entanto, de lamentar a lentidão do subsídio, não se podendo prever o trabalho, já que os subsídios se reservam à manutenção da companhia (vencimentos).

Mesmo assim temos bastantes planos para a nossa actividade, quer no campo teatral e de animação cultural, ainda que limitadas pela falta de local próprio onde trabalhar. Seremos coerentes com o plano seguido até aqui, não pretendendo traír-se o público já habituado ao género de teatro que fazemos».



E como vê o Seiva Trupe, o futuro do teatro e a sua função num país, que segundo a Constituição, tem como meta o socialismo?

«O teatro comercial continua a dispor duma máquina alienatória que boicota a actividade dos grupos independentes. É necessária, urgente para se construir em oposição a esta máquina que não serve, mas serve-se da população, uma política teatral que promova a descentralização, a criação de novos espaços para trabalhar, a formação de casas de cultura dirigidas por pessoas responsáveis, com competência cultural, artística e ideológica, o apoio actual aos grupos amadores oferecendo-lhes o mínimo de condições técnicas e teóricas (animadores culturais) para levarem a bom termo a sua função».

Uma peça, um grupo! Um espectáculo que a «Nascente» pretende que seja mais uma peça do contributo cultural que deseja oferecer à população que dele necessita.

Festas da N.º S.º da Ajuda

— SABADO, 18 —

- 17.00 h. — 1.º Circuito Ciclista «Rai-nha da Costa Verde» (Avenida da 8 — Rua 19 — Rua 2 — Rua 43).
21.30 h. — Concerto pela Banda do Regimento de Infantaria do Porto;
— Exibição do Rancho Regional de Gulpilhares;
24.00 h. — Sessão de Fogo Preto.

— DOMINGO, 19 —

- 9.30 h. — Atletismo — «1.º Léguas Cidade de Espinho» para amadores, com um atleta olímpico — Missa com acompanhamento, por grupo coral;
16.00 h. — Concerto pela Banda de Paramos.
— Exibição de uma fanfara;
17.00 h. — Procissão;
19.00 h. — Sessão de Fogo Preto Infantil;
21.30 h. — Espectáculo de Variedades;
— Concerto pela Banda de Silvalde;
24.00 h. — Sessão de Fogo de Artificio;

— SEGUNDA-FEIRA, 20 —

- 16.00 h. — Actuação do Conjunto Good Sport (música rock).
16.00 h. — Futebol Feminino — Arcozelo-Feirense;
17.00 h. — S. C. Espinho-Equipa de 1.º plano;
21.30 h. — Concerto por 2 Tunas;
— Actuação do conjunto Tipico Irmãos Leais.

A Comissão está a elaborar ainda um programa para a semana de 13 a 18 em que constará um torneio de Voleibol na 2.ª e 3.ª feira, Sessão de Teatro na 4.ª-Feira, Palestra sobre delinquência Juvenil na 5.ª-Feira, Simultânea de Xadrez pelo Mestre Internacional Fernando Silva na 6.ª-Feira às 17 horas e às 21,30 Torneio de Basquetebol.

TEATRO

No Salão da Escola Comercial e Industrial — 15/SET.º às 21,30 horas:

«O Santo Inquérito»

Preços:

Sócios da NASCENTE 7\$50
Não sócios 1\$500

C I N E M A S

S. PEDRO

Dia 8, Quarta-feira — «MINHA MAE, MINHA AMANTE» — Maiores de 18 anos.

Um filme a ver? A curiosidade levantada pelo título pode levar o espectador a ir ao cinema. A responsabilidade não é nossa.

Dia 9, Quinta-feira — «DELÍCIAS TURCAS» — Maiores de 18 anos.

«Este filme contém cenas eventualmente chocantes». Assim diz o aviso anexo à publicidade que acompanha esta película. Os espectadores acorrerão em massa a este espectáculo, a lotação esgotará, e continuar-se-á a ganhar dinheiro com a fobia do sexo. Até quando?

Dia 10, Sexta-feira — «ABUTRES NA CIDADE» — Maiores de 18 anos.

Mais um filme policial, com violência à mistura. Mais um filme para «maiores de 18 anos». Mais uma oportunidade de poupar dinheiro.

Dia 11, Sábado — «AMIGOS ATÉ AO FIM» — Maiores de 14 anos.

Ao sábado um «western» como é tradicional cá no burgo. O principal intérprete Gregory Peck. Se quiser ver cinema que não lhe traga preocupações, vá. Mas não abuse!

Dia 12, Domingo — «ROMANCE POPULAR» — Maiores de 18 anos.

«Crítica ao homem latino, que ainda não conseguiu educar os sentimentos». Lá isso é verdade, mas daí até que o filme trate o assunto seriamente vai uma distância.

Dia 13, Segunda-feira — «O HOMEM DE HONG-KONG» — Maiores de 18 anos.

Naturalmente mais um «Kung-fu». Não acha que já é demais?

Dia 14, Terça-feira — «A ÚLTIMA NEVE DE PRIMAVERA» — Maiores de 13 anos.

Cheira-nos mais a tempestade de Inverno!

CASINO

Dia 8, Quarta-feira — «A QUADRILHA DOS DOBERMAN» — Maiores de 13 anos.

«Assalto mais ousado e jamais concebido».

Se não quer ser assaltado, fuja a sete pés!

Dia 9, Quinta-feira — «VOCE INTERESSA-SE PELA COISA?» — Maiores de 18 anos.

Quer se interesse ou não, não veja esta «coisa»!

Dia 19, Sexta-feira — «POR UMA MÃO CHEIA DE DIAMANTES» — Maiores de 18 anos.

Por tanto dinheiro até você se esfarrapava. Outros fazem filmes e ganham bastante.

Dias 11 e 12, Sábado e Domingo — «MEU IRRESISTIVEL SELVAGEM» — Maiores de 13 anos.

«Uma comédia excepcional! Quanto ao excepcional temos, a certeza que não é. Quanto a ser uma comédia, experimentalmente».

Dia 13, Segunda-feira — «ESTRANHADA FORMA DE AMAR» — Maiores de 18 anos.

Não estará o espectador farto de ser assaltado por tanta imbecilidade feita cinema? Desabafe!